

Almanaque

ADRIANA BRAVIN

e-mail:
almanaque@redgazeta.com.brTel: 3321 - 8446
Fax: 3321-8772

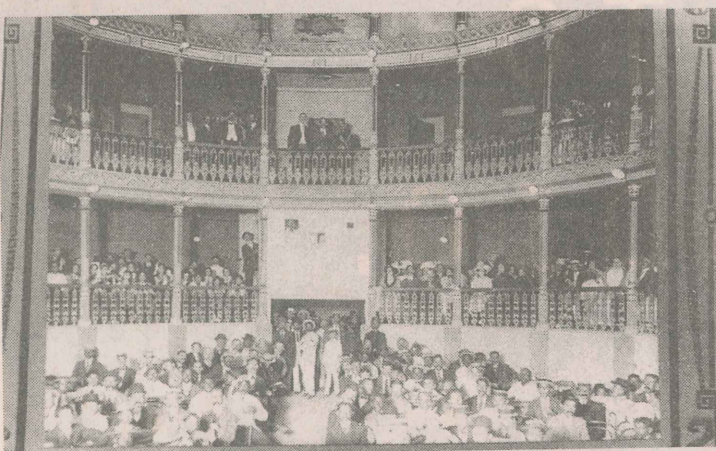
O passado no presente

A113831



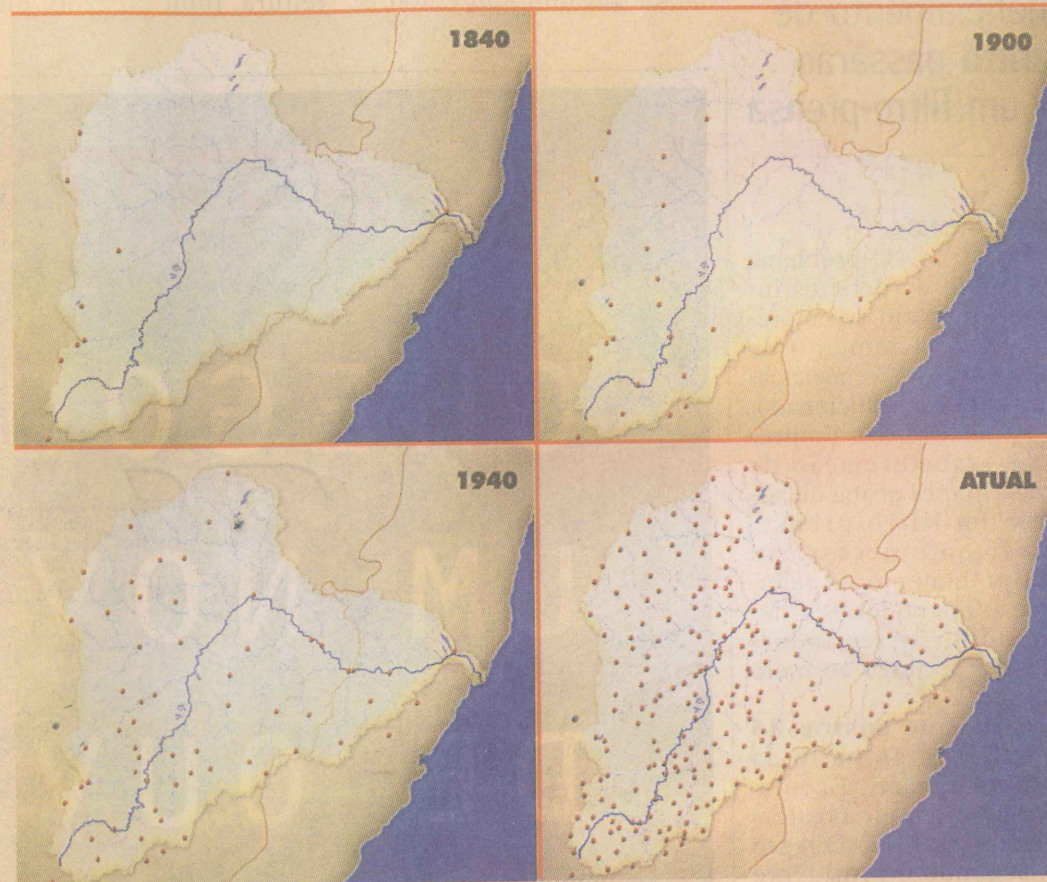
As colunas de ferro fundido que sustentam as galerias internas do Teatro Carlos Gomes (foto à esquerda), em Vitória, são uma herança da mais importante casa de espetáculos do Estado no século XIX, o Teatro Melpômene (embaixo), instalado no centro de Vitória, em 1896. O Melpômene foi apelidado de "teatro de pau", por ter sido construído em pinho-de-riça, e chegou a funcionar como cinema. Em 1924, um grande incêndio destruiu o único teatro da Capital, que foi vendido pelo Governo ao construtor italiano André Carloni. Em 1925, Carloni iniciou as obras do Carlos Gomes, que ele mesmo projetou e construiu com recursos próprios. O construtor reaproveitou as colunas de ferro que sustentavam as galerias do Melpômene, instalando-as no novíssimo Carlos Gomes, obra inspirada no Teatro Scala, de Milão. FOTOS: MARCO

SIQUEIRA E REPRODUÇÃO AG



Morro da Ucharia Qual a origem desse nome?

Rio Doce de perfil

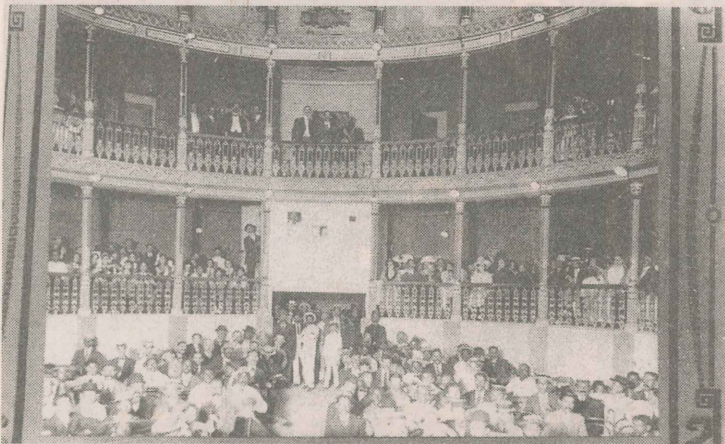
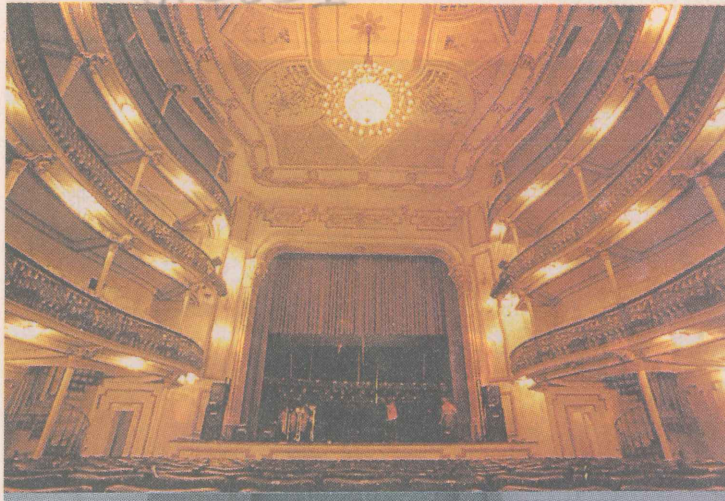


EVOLUÇÃO. Em cerca de 160 anos de ocupação – de 1840 aos dias atuais – a bacia hidrográfica do Rio Doce viu o número de municípios em seu entorno crescer 25 vezes, passando de apenas nove cidades, em 1840, para 230, atualmente, como mostram os mapas. Em 1901, como consequência da construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, surgiram os primeiros municípios às margens do rio: Colatina, Baixo Guandu, Aimorés, Resplendor, Conselheiro Pena e Governador Valadares. A partir da segunda metade do século passado, o doce rio experimentou um "frenesi" de desenvolvimento, com a ocupação definitiva de seu trecho médio e baixo e o rápido desaparecimento da mata ciliar. Para buscar soluções para a degradação da bacia hidrográfica do Rio Doce foi formado um comitê, integrado por todos os municípios, governos e representantes da sociedade civil. Colatina vai sediar, em 2006, o Fórum das Águas do Rio Doce.

FOTOS: ILUSTRAÇÕES DO LIVRO "O VALE DO RIO DOCE", DE JOTA DANGLER/ REPRODUÇÃO AG

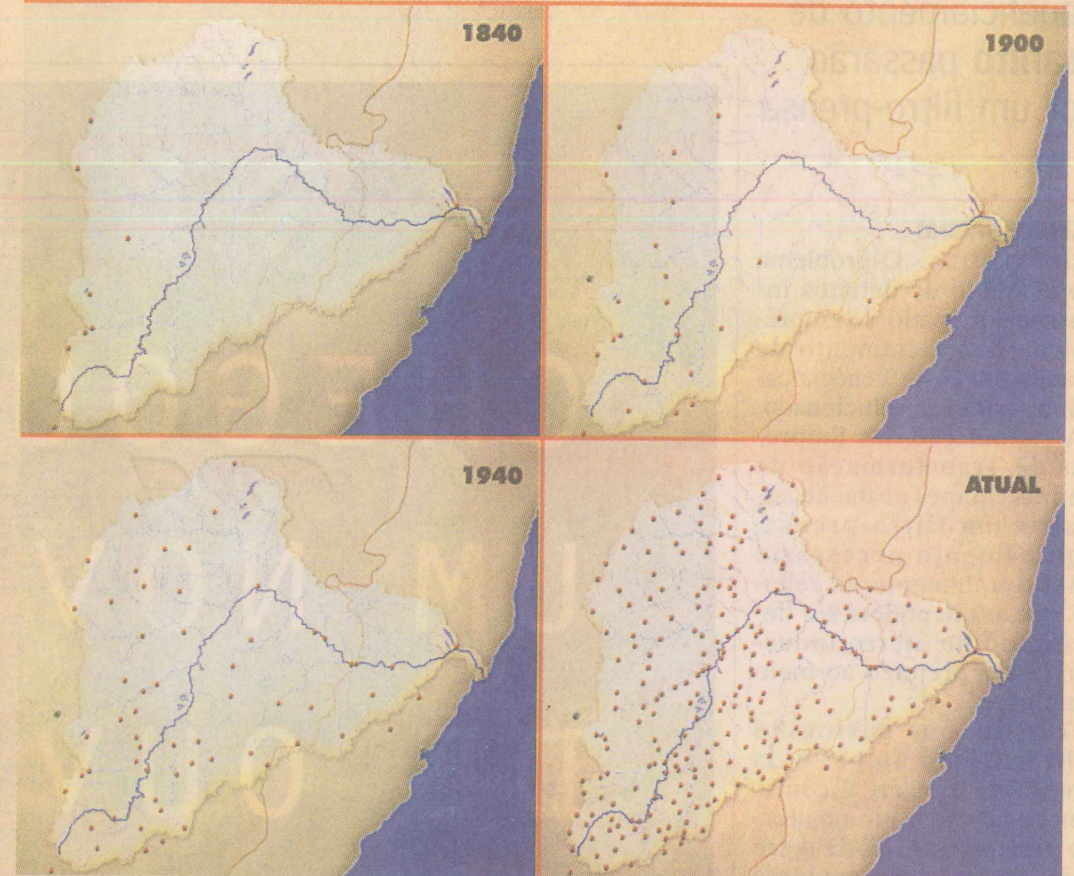
O passado no presente

A113831



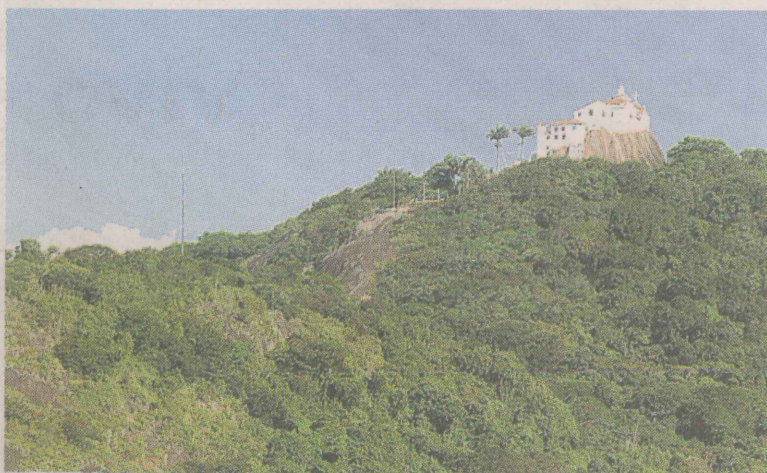
As colunas de ferro fundido que sustentam as galerias internas do Teatro Carlos Gomes (foto à esquerda), em Vitória, são uma herança da mais importante casa de espetáculos do Estado no século XIX, o Teatro Melpômene (embaixo), instalado no centro de Vitória, em 1896. O Melpômene foi apelidado de “teatro de pau”, por ter sido construído em pinho-de-riça, e chegou a funcionar como cinema. Em 1924, um grande incêndio destruiu o único teatro da Capital, que foi vendido pelo Governo ao construtor italiano André Carloni. Em 1925, Carloni iniciou as obras do Carlos Gomes, que ele mesmo projetou e construiu com recursos próprios. O construtor reaproveitou as colunas de ferro que sustentavam as galerias do Melpômene, instalando-as no novíssimo Carlos Gomes, obra inspirada no Teatro Scala, de Milão. FOTOS: MARCO SIQUEIRA E REPRODUÇÃO AG

Rio Doce de perfil



EVOLUÇÃO. Em cerca de 160 anos de ocupação – de 1840 aos dias atuais – a bacia hidrográfica do Rio Doce viu o número de municípios em seu entorno crescer 25 vezes, passando de apenas nove cidades, em 1840, para 230, atualmente, como mostram os mapas. Em 1901, como consequência da construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, surgiram os primeiros municípios às margens do rio: Colatina, Baixo Guandu, Aimorés, Resplendor, Conselheiro Pena e Governador Valadares. A partir da segunda metade do século passado, o doce rio experimentou um “frenesi” de desenvolvimento, com a ocupação definitiva de seu trecho médio e baixo e o rápido desaparecimento da mata ciliar. Para buscar soluções para a degradação da bacia hidrográfica do Rio Doce foi formado um comitê, integrado por todos os municípios, governos e representantes da sociedade civil. Colatina vai sediar, em 2006, o Fórum das Águas do Rio Doce. FOTOS: ILUSTRAÇÕES DO LIVRO “O VALE DO RIO DOCE”, DE JOTA DANIELO/ REPRODUÇÃO AG

Morro da Ucharia Qual a origem desse nome?



Extensão do morro do Convento da Penha, fica entre a Praia de Piratininga e a Enseada da Prainha. O nome “ucharia” significa despensa da casa real ou de casa muito abastada. Significa também depósito de mantimentos. O pequeno morro coberto de densa mata foi estrategicamente escolhido por Vasco Coutinho como local seguro para guardar víveres e remédios que troxe como suprimentos para os 60 colonos que com ele vieram para a Capitania. Quem conta é Jair Santos, no livro “Vila Velha. Onde tudo começou”, de 1999. FOTO: CHICO GUEDES

A vez da vaquinha



A vaca não foi pro brejo. Há algumas semanas, na série “Zoológico Urbano”, publicamos a foto da escultura de um boi zebu no lugar da vaquinha que “recepciona” os clientes da loja Sempre Verde, em Goiabeiras. Justiça seja feita: a pedido dos leitores, eis a simpática vaquinha! FOTO: GILDO LOYOLA

Se você tem uma foto antiga de sua cidade ou de algum momento histórico, e quer contar essa passagem, mande para nós. Escreva para: Coluna Almanaque, Jornal A Gazeta, Rua Chafic Murad, 902, Ilha de Monte Belo, Vitória-ES. CEP 29050-901. Ou envie pelo e-mail almanaque@redgazeta.com.br